RESPOSTA A “POVO SANTO” DE ROB FRINGER E STANLEY BHEBHE

Timothy R. Gaines, Trevecca Nazarene University

Tivemos acesso a dádivas substanciais no artigo do Dr. Rob Fringer, “Broken-Holy People” e no artigo do Dr. Stanley Bhebhe, “O Projeto Eterno de Deus”. Nessa resposta, venho oferecer uma forma de amplificação e esclarecimento. Através de quatro breves movimentos, procurei ler o tema sobre quebrantamento (Fringer) através do “ingrediente essencial do dinamismo espiritual” (Bhebhe, 6) ao 1) emitir uma afirmação retumbante para uma teologia da santidade que se move além do perfeccionismo, 2) apoiar uma exploração de 'quebrantamento' como uma categoria teológica, 3) pedir uma compreensão adicional em torno do termo 'quebrantado' e, 4) oferecer uma sugestão construtiva para tal compreensão por meio de uma leitura pneumatológica de João 20, dando atenção especial a "nova comunidade que está sendo forjada pelo Espírito Santo” (Bhebhe, 3).

Para começar, voltaremos nossa atenção para a teologia da santidade além do perfeccionismo. De acordo com o pensamento filosófico grego clássico, o perfeccionismo sinaliza a ausência de qualquer falha ou falta. Como muitos teólogos estabeleceram, o perfeccionismo não é o que Wesley tinha em mente ao usar o termo “perfeição cristã”.¹ Nem a perfeição é a conotação central do termo teleios do Novo Testamento, empregado por Mateus e frequentemente traduzido como “perfeito”.² Jesus não estava citando Platão em seu Sermão do Monte.

Por esta razão, meu segundo ponto é de afirmação: quebrantamento é uma categoria digna de exploração na teologia da santidade. Afirmar esse ponto exige uma distinção inicial: quebrantamento não deve ser igualado à pecaminosidade. O quebrantamento, ao contrário, denota aquele cuja vida não é definida pelo perfeccionismo. Considere a pessoa que foi vitimizada, aquela cujas esperanças de florescimento corporal são insistentemente adiadas por forças opressivas implacáveis, aquela que carrega as feridas infligidas pelo vício, pobreza e coisas do gênero. Historicamente, os “quebrantados” são aqueles a quem a Igreja do Nazareno nasceu para servir. Uma teologia da santidade que trafega no perfeccionismo traz pouca esperança para aqueles que carregam cicatrizes, diferenças ou feridas em sua carne. Uma teologia da santidade, concebida no padrão do quebrantado-santo, no entanto, proclama uma retumbante mensagem de esperança: as feridas do quebrantamento não são uma barreira para a santidade.

Avançar com essa afirmação, no entanto, exige nosso terceiro ponto: precisamos de mais clareza sobre o termo 'quebrantamento'. Com essa frase, queremos dizer queda, pecaminosidade, fragmentação relacional, deficiência eclesial, impedimento ao florescimento, vitimização ou algo mais? Cada abordagem do termo confere a ele uma função teológica diferente, que carrega a possibilidade de confundir ou diminuir o belo potencial que essa exploração abre. Embora essa dinâmica infeliz esteja se desenrolando em vários locais de publicação e discussão, vou oferecer

¹ Examples include Mildred Bangs Wynkoop, *A Theology of Love* (Beacon Hill Press of Kansas City, 2015), 273-303, and T.A. Noble’s account of Wesley’s theology of perfecting in *Holy Trinity: Holy People* (Cascade, 2013), 97-116. Wynkoop’s analysis reminds us that “perfection is not, principally, the absence of all that is less than perfect, but the presence of love with all the dynamic meaning of love” (301). Noble’s account of Wesley’s theology of Christian perfection gives us a vision of ‘imperfect perfection,’ which “simply means *undivided love*” (91).

² See Kent Brower, *Holiness in the Gospels* (Beacon Hill Press of Kansas City, 2005), 125-126.

dois exemplos de um artigo em consideração. Simultaneamente, “permanece verdade que as cicatrizes do quebrantamento de Cristo, infligidas pelo mundo, permaneceram como um testemunho do poder de Deus...” (Fringer, 9) e, “Embora possamos estar quebrantados, o Espírito Santo não está!” (Fringer, 5). Estou confiante de que o Dr. Fringer não está argumentando que o Filho é deficiente ou defeituoso enquanto o Espírito não é. Em vez disso, suspeito que isso destaca o lugar semântico complicado que o termo 'quebrantamento' ocupa na teologia da santidade, levando-nos a perguntar: "O quebrantamento é consistente com uma vida de santidade?" A resposta, é claro, provavelmente dependerá do que quero dizer quando usamos o termo.

Como estou defendendo, usamos o termo de uma forma que afirma a realidade cristológica de Jesus sendo simultaneamente quebrantado e santo. Em virtude de sua plena comunhão com o Pai na vida do Espírito, a santidade do Filho não é frustrada por seu deslocamento social, inconformismo religioso ou feridas abertas que carregou até sua morte e ressurreição. De todas as aparências externas, Jesus foi quebrantado; ele foi mais um espetáculo passageiro no desfile dos vencidos em Roma. A fé cristã, porém, reforçada com afirmações que remontam a Niceia, não encontra ameaça à santidade de Jesus em tudo o que Roma fez para quebrantá-lo. Ser quebrantado por Roma não envolveu Jesus pecando contra o Pai. O quebrantamento de Cristo não é impedimento para o seu florescimento no amor do Deus Trino.

O quebrantamento de Jesus é retomado em sua ressurreição, proposto de novo e abre um caminho para aqueles que foram quebrantados nas mãos de outras pessoas. Através da obra de Cristo, sua vitimização não é barreira para a santidade porque o Filho de Deus mostra seu próprio quebrantamento como um convite para participar da vida do divino.

Agora somos capazes de posicionar o "quebrantamento" em relação ao "pecado". O quebrantamento pode não ser um impedimento para o florescimento do amor, mas impedir o florescimento do amor é a própria natureza do pecado. Como o Dr. Bhebhe nos lembra, o pecado é fundamentalmente “sobre relacionamentos alterados e alienação” (Bhebhe, 6). Se o pecado é entendido como uma ruptura no relacionamento com Deus, o quebrantamento não precisa ser visto como uma barreira à santidade. Enquanto o próprio corpo de Cristo foi quebrantado nas mãos de seus torturadores, sua devoção em amor ao Pai permaneceu. Em sua oração, “contudo...” ele supera a possibilidade de alienação ao Pai, mesmo quando entrega seu corpo para ser quebrado (Lucas 22:42). Para aqueles que estão quebrantados, vitimizados e oprimidos, o evangelho fala: seu quebrantamento não é barreira para o relacionamento com Deus. O quebrantamento não é a mesma coisa que o pecado.

Afastar-se da devoção ao Pai, negar o poder do Espírito para nos atrair para a vida divina através do convite do Filho, porém, é a malformação pecaminosa que nos impede de viver uma expressão plena da vida humana. A difamação do relacionamento dinâmico com Deus – a distorção da imagem divina – tem a capacidade de se infiltrar na vida daqueles que, a partir de todas as aparências externas, estão inteiros e são inquebráveis. Medir o florescimento humano de acordo com visões de adequação social, perfeição física ou conformidade religiosa crua, no entanto, não explica o florescimento da vida de Jesus e nem definirá um povo de santidade. Somos as pessoas que seguem o Cristo ressurreto quebrantado, cuja carne era fraca por causa de sua devoção completa ao Pai no poder do Espírito.

Tal reivindicação nos prepara para um quarto e último movimento, pelo menos para os propósitos desta resposta. A título de sugestão construtiva, chamo nossa atenção para o relato de

João sobre a aparição ressurreta de Jesus aos discípulos (João 20:19-28). Aqui, vemos seu corpo ferido como um local de convite. “Chega também à mão e põe-na no meu lado”, diz Jesus (João 20:27). O lugar onde seu corpo foi partido agora está aberto como um lugar de convite, e mesmo que Tomé não aceite Jesus fisicamente, é neste mesmo convite que Tomé encontra vida nova: “Senhor meu e Deus meu!”

Como Fringer nos lembra de forma revigorante, “em última análise, é apenas pelo corpo de Cristo que podemos ser santos como Deus é santo”. Com esta lembrança, não esqueçamos também: o corpo de Cristo ressuscita com as chagas da crucificação. É glorificado como quebrantado. Seu quebrantamento não é um impedimento para o florescimento do amor. Nem as feridas no corpo de Cristo são suturadas. Em vez disso, elas permanecem abertas no convite. As “imperfeições” de Cristo convidam as pessoas quebrantadas à plenitude da perfeição cristã, a participar com alegria do florescimento do amor.

Essa afirmação, então, nos coloca em posição de considerar um ponto pneumatológico promissor, próximo ao cerne de ambos os artigos que estamos considerando. De pé na presença dos discípulos que se trancaram com medo, o Cristo ressurreto quebrantado “soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (João 20). Aqui vemos um relato joanino da vivificação da santa comunidade pelo Espírito. Embora diferente do relato de Lucas sobre o Pentecostes, permanece uma dinâmica teológica compartilhada: o Espírito, que é soprado pelo Filho ressurreto quebrantado, é a vida da comunidade eclesial. A igreja, em essência, respira o “ar” pneumatológico exalado dos pulmões crucificados (quebrantados), e nascemos como corpo de Cristo, vigorosamente animados para viver a missão de Deus no mundo. Reverberando em sintonia com Gênesis 2, o relato de João revela que o sopro divino intimamente doado dá vida à comunidade reunida de discípulos, unindo-a para viver e se mover. 'Receber o Espírito Santo' por meio da exalação do corpo partido de Cristo é a vitalidade da igreja, o dom da vida que ela recebe do Santo.

Como o “retrato vivo de Jesus” (Bhebhe, 10), o quebrantamento da igreja não é barreira para sua santidade. No entanto, impedir o florescimento do amor é apenas uma dessas barreiras. A linguagem que temos à nossa disposição para descrever essa “corrupção generalizada de... relacionamentos” (Bhebhe, 7) é “pecado”. Uma integridade corporal impecável, ‘sem quebrantamento’, não é um requisito para a vida de santidade, assim como não era para Jesus. Em sua semelhança e poder, as marcas de nossas feridas, os ritmos de nossa singularidade e os movimentos de nossa vida ressuscitada em direção aos quebrantados – o “projeto eterno” de Deus (Bhebhe, 1) – são precisamente as marcas da vida santa.